

Índice

O fenómeno do celibato involuntário	1
---	---

O fenómeno do celibato involuntário

Nas últimas décadas, os rituais e as normas sociais que configuravam cada passo de um relacionamento sentimental evoluíram até desembocar no panorama que temos hoje: menos casamentos, mais divórcios, mais frustração e solidão, mais ruturas pela Internet, *ghosting*, amor líquido e – surpreendentemente – mais solteiros involuntários.

Um [estudo sociológico recente](#) da Universidad de Málaga, em colaboração com a Fundación BBVA, analisou a evolução da vida de casal em Espanha e entre as numerosas conclusões – mais casais que não coabitam, maior igualdade, mudança nas ruturas – aparece uma nota marcante, mas que passa de relance: o número de solteiros involuntários, ou seja, de pessoas que querem ter um relacionamento sentimental, mas que não encontram a pessoa indicada para isso, tem vindo a aumentar, acompanhado de uma maior frustração e de um maior sentimento de solidão.

O número de solteiros tem crescido em todo o mundo. Essa é a realidade. Uma análise do [Pew Research Center](#) constatou que, em 2019, 38 % dos adultos com idades entre 25 e 54 anos não se tinham casado, nem coabitavam com um parceiro. Em Espanha, segundo dados do Instituto Nacional de Estadística (INE), desde 2015, o número de solteiros aumentou 8 % e a quantidade de pessoas com idades entre 25 e 65 anos a viver sozinhas cresceu 2 %.

Muito se fala de [celibato voluntário](#) (“Aceprensa”, 10.6.2020), da capacitação e da liberdade de não depender de ninguém, mas pouco da dificuldade de encontrar o parceiro adequado. Para 43 % dos solteiros inquiridos no estudo da Universidad de Málaga, no entanto, este é o motivo. Gostariam – querem – mas não encontram a pessoa. Ana, de 41 anos, referiu à

“Aceprensa” que este tipo de celibato é um sofrimento do qual nascem auto-recriminações, inseguranças e frustrações. “Chega uma altura em que se pensa que ‘isto é muito difícil’. Posso fazer tudo o que está ao meu alcance, mas [encontrar alguém] acaba por ser quase milagroso, muito complicado”.

Em conversa mantida com a “Aceprensa”, o professor Luis Ayuso Sánchez, Catedrático de Sociologia na Universidad de Málaga e integrante da equipa que fez o estudo citado, avalia que este aumento de pessoas celibatárias, um aumento que se tem vindo a observar desde há alguns anos, se deve à digitalização e a um crescente individualismo.

A tendência observada no estudo é ter vindo a ser atribuída maior prioridade a assuntos individuais – trabalho ou liberdade de movimentos – do que a assuntos de casal. A utopia romântica continua presente na sociedade e nos projetos de vida, mas o ritmo de estímulos externos, a crescente digitalização dos relacionamentos – devido às aplicações de encontros – e a mutação (no que diz respeito a relacionamentos) de uma sociedade objetiva para uma sociedade emocional, estão a suscitar dificuldades ao estabelecimento de forma duradoura destes vínculos.

A era emocional

“A sociedade em que vivemos é uma sociedade muito emocional, onde o importante é sentir, experimentar, viver”, afirma Ayuso. Uma tendência acelerada pelos impactos e estímulos que nos rodeiam e que nos obrigam a tomar decisões de forma acelerada. “Quero comprar e compro rapidamente. Quero comer e como depressa. Tudo com rapidez”. Mas a construção de uma parceria, o amor, é um processo que se coze a fogo lento. E, todavia, muitas relações imitam o que já está presente em quase todos os âmbitos da sociedade. “Passa-se a mesma coisa que com o facto de me cansar de ter determinados sapatos, canso-me de ter uma relação, porque já não me motiva. Já não me emociona”.

Segundo comenta, a predominância da emoção está a mudar os tipos de relações. “Quando a base das relações de casal era mais objetiva, mais ‘material’ [projeto de vida conjunto, como ter filhos], as relações eram mais sólidas”. Agora, observa, a base das relações é a emoção, uma base subjetiva, efémera, que dá lugar a relações mais líquidas. “Hoje levanto-me e apercebo-me de que já não te quero, e não há nenhuma razão pela qual tenha de lutar”. O imperativo que reina diariamente é o de querer sentir o mesmo que no início. Isto é, sentir essas vertigens das primeiras fases de qualquer união que, inevitavelmente, com o passar do tempo e da maturação do relacionamento, se transformam numa emoção mais subtil.

Um amor líquido

Como destaca Ayuso, as relações perderam solidez e favoreceram o amor “líquido”, uma afetividade que se destaca pelo seu não compromisso e pela total recusa de depender da outra pessoa. Zygmunt Bauman, pai deste termo, escreve na sua obra [“Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos”](#) que as relações líquidas são relações que não conseguem preencher, por muito que se tente, o lugar deixado pelos vínculos mais firmes que, de acordo com Baumann, caracterizavam as relações de antigamente. “De qualquer forma, [hoje] essa conexão não deve ser muito sólida, para que seja possível desfazê-la quando as relações mudam... algo que na modernidade líquida irá ocorrer várias vezes”.

Segundo Ayuso, as aplicações de encontros também são responsáveis por terem mudado totalmente os rituais da formação dos casais, sobretudo na fase inicial. Estas aplicações são ferramentas que nos permitem adaptar-nos ao nascimento da nova ordem, a sociedade digital, mas o seu objetivo não está alinhado com o objetivo do utente. Em *“L’Amour sous algorithme”*, a jornalista francesa Judith Duportail expõe, fazendo eco da sua experiência pessoal, como a finalidade destas tecnologias não é encontrar o amor, mas manter o utente em

constante busca. Ayuso concorda. O objetivo dessas aplicações, diz, “é emocionar-nos, ter-nos presos à aplicação, não que nos enamoremos. Porque se nos lançamos no amor, apagamos o perfil”.

Do fast food ao fast love

Uma ligação que leva ao amor rápido – *fast love* – e que, conforme explica Ayuso, é aquele que se caracteriza por não se querer comprometer. “Quero vivê-lo muito intensamente, durante alguns poucos meses”. E quando aparecem outras fases que são inevitáveis em qualquer relacionamento, que exigem esforço e renúncia, “não, essas não me interessam”. Amor rápido, pessoas novas, tudo sempre em mutação.

Também Ana observou este problema muitas vezes, essa falta de maturidade emocional que acaba por levar a uma grande dificuldade em se comprometer. “Podemos encontrar alguém, mas *começar* é difícil, porque as pessoas têm muito medo do compromisso, de terem de se sacrificar, de renunciarem a si próprias”.

Um medo que vem da certeza de que, ao estar com uma pessoa – deixemos de lado o poliamor –, não se pode estar com outra. E agora mais do que nunca, em grande parte devido às aplicações de encontros como o Tinder, existe muita consciência do custo de oportunidade que envolve uma relação, de tudo aquilo que a pessoa “perde”.

Como mais uma mercadoria, a pergunta *merece a pena?* nidifica na consciência perante qualquer dificuldade ou mudança de rumo, porque *sei que há muitos mais peixes no mar, constato isso no Tinder. Porquê conformar-me?*

É confrontados com este dilema que se formam as relações on/off: relações frágeis desde o seu nascimento que se acendem e se apagam de acordo com a conveniência. Helen Fisher, antropóloga e investigadora do comportamento humano, explica que muitas pessoas já não querem lutar por uma relação, porque implica um desgaste emocional significativo. Por isso, as relações digitais ganham cada vez maior protagonismo, além de terem mudado os processos de entrada e saída de uma relação: a entrada caracteriza-se por um *swipe*; a saída, pelo *ghosting*. Estas uniões têm pouca ou nenhuma implicação emocional e, em grande parte dos casos, simplesmente vão-se ficando pelo plano virtual. Constituem um passatempo, um jogo.

Até ao momento de querer ter filhos.

E os filhos para quando?

A utopia romântica, comenta Ayuso, está muito presente na abordagem de projetos de vida. O problema surge quando, chegados a determinada idade, após ter experimentado, sentido e “vivido” muito, se escuta o *tic tac* do relógio biológico e a agenda está repleta de contactos, mas vazia de qualquer possibilidade de compromisso. “Paradoxalmente, quantos mais contactos temos, quantas mais possibilidades existem de conhecer pessoas, maiores dificuldades temos de encontrar uma companhia para a vida”, confirma Ayuso.

Conforme comenta à “Aceprensa”, Rafael Lafuente, conferencista com especialidade em educação afetivo-sexual, este celibato “é involuntário agora, nesta altura, para uma pessoa de 35 ou 38 anos que não quer estar sem companhia afetiva e sem filhos. Mas haveria que perguntar-lhe como estava a viver ou a atuar quando tinha 23 ou 26 anos”.

Como explica, todas as decisões têm as suas consequências “e se nós, durante os nossos anos de juventude, não nos ocupámos ou preocupámos com o tema, se só estivemos penderes da nossa carreira, da nossa realização profissional e de desfrutar dos prazeres amorosos, sem nenhum vislumbre de compromisso”, o resultado é natural.

Num recente artigo da “The Economist” intitulado “Tinder drove me to freeze my eggs”, Anna Louie Sussman relata como o não encontrar nenhum homem que fosse suficientemente bom para ter um filho com ele, levou-a a congelar os seus óvulos. Este congelamento de óvulos “social”, como ela o denomina, é uma ação motivada pelas circunstâncias da vida e não por razões médicas. Num estudo citado no artigo, 85 % das mulheres afirmaram ter congelado os seus óvulos devido à ausência de um parceiro; somente 2 % congelaram os seus óvulos para se concentrarem na sua carreira profissional.

Uma das teorias citadas por Sussman – e que explicaria esta dificuldade para encontrar parceiro – é a falta de homens “elegíveis”, isto é, homens com boa educação e bom emprego, de boa visão e com os quais haja boa ligação. Mas ela própria, neste ponto, interroga-se “sobre se as aplicações de encontros, com a sua ilusão de infinitas possibilidades, nos encorajam subtilmente a continuar a procurar *o melhor*”.

Ou seja, o – inexistente – parceiro perfeito.

Cuidado com as expectativas

Ter uma lista demasiado grande com expectativas irreais é, para Lafuente, um problema, sobretudo entre as mulheres. “Ou aparece um homem que é um misto de super herói, líder religioso e dono de uma *Big Four*, ou não interessa”. Ana também considera que esta – as altas expectativas – é uma das maiores dificuldades. “Quando ele já não satisfaz à primeira vista certos requisitos, não estamos abertos a conhecer essa pessoa”. Também a recusa – ou medo – do esforço e do envolvimento emocional, mencionado por Fisher, tornam mais difícil o encontro de um parceiro. “Queremos que apareça já montada a história de amor”, comenta Lafuente. “Como se não se tivesse de *construir* uma relação”.

A solução que considera é clara: criar encontros, planos de solteiros *IRL* – *in real life* –, fomentar intercâmbios que possibilitem um *match*. E é melhor começar quanto antes, porque “quanto mais passam os anos, mais complicados nos tornamos. Com os hábitos adquiridos, é mais difícil mudar de vida ou estar disposto a partilhá-la”.

H. F. V.